

BLOCO CORDÃO DO BOI TOLO

Como você percebe as mudanças da festa de rua no Rio de Janeiro?

Luis Otavio Almeida: Em grandes ciclos, podemos classificar o carnaval de rua carioca da seguinte forma:

Do período colonial ao primeiro reinado – O entrudo – Era uma festa totalmente anárquica, com inspiração na antiguidade, ocorria nesse período a total inversão de valores. Escravos se vestiam como nobres e nobres como serviçais. O poder público detinha pouco poder nesse período e a repressão acontecia tão desorganizada quanto a festa. As brincadeiras iam das mais pacatas até verdadeiras guerras campais, com o arremesso de limões de cheiro, que eram bolas de cera recheadas com águas perfumadas, que iam de agradáveis fragrâncias até fedidas águas de esgoto. Se formava um grande comércio nesse período para a venda dessas bolas. Farinhas também atiradas nos foliões.

Do segundo reinado ao estado novo – O corso, o cordão e o rancho – É quando a elite resolve participar mais ativamente da festa. Após o final do Primeiro Reinado vemos dois movimentos: Um é o surgimento de cortejos de charretes e carruagens, que se motorizariam no início do século XX. Jovens da elite carioca encontram seu jeito de brincar o carnaval. Há a introdução do confete e serpentina em lugar dos limões de cheiro, esses cortejos rasgavam a cidade por todo o período. Começa a surgir o hábito de bailes privados de carnaval.

Enquanto isso o entrudo se transformava. As fantasias se refinavam, surge o hábito de se brincar o carnaval junto, com o surgimento dos cordões e blocos. A violência do entrudo se esvai, embora ainda se veja uma tensão entre os cordões. A música ganha força nas manifestações carnavalescas, principalmente lundus, marchas e polcas. Embora essa festa de rua popular tenha se tornado um pouco mais “civilizada”, a pura existência de uma festa da elite e “autorizada” é o mote para que a festa popular seja fortemente reprimida. No processo de disciplinação da festa de rua, surgem os ranchos carnavalescos, sujeitos a regras e concursos.

Do estado novo ao golpe militar – Os salões, as escolas de sambas os blocos de embalo – A elite sai das ruas e adentra os salões. As marchinhas, embaladas pela popularidade do rádio, tornam-se uma coqueluche no carnaval. A festa se torna menos violenta e mais lasciva. Grandes concursos de fantasia premiavam as mais luxuosas e originais. As grandes sociedades ainda mantinham a tradição do corso. A Atlântida difundia pelo cinema a cultura do carnaval carioca para todo o país e os Estados Unidos, com a sua política da boa vizinhança, para todo o mundo.

Enquanto isso as ruas ferviam cada vez mais. Multidões saíam fantasiadas para a festa, muitos sem hora, ou mesmo data, de voltar para casa, o Centro era o grande polo das festividades, mas havia festa em todos os bairros da cidade, principalmente junto aos polos comerciais. A marchinha se torna também nas ruas o principal ritmo carnavalesco, mas com a companhia importante do samba. Os ranchos carnavalescos começam a perder força e surge um novo formato de concurso no carnaval carioca. As escolas de samba. Seu surgimento é mais um passo no processo de se capturar, encapsular e subverter algo que está em estado bruto nas ruas. Com ainda mais regras, têm seu início com um formato quase marcial e acompanhadas de um novo ritmo. O samba-enredo. Mais para o fim do período surgem nas ruas os blocos de embalo. Animados por sambas potentes, conhecidos por samba de embalo, arrastavam milhares de foliões com fantasias padronizadas, alterando a estética das superlotadas ruas do Rio e trazendo de volta o componente de tensão em função da rivalidade entre as agremiações.

Do golpe militar à redemocratização – A elevação da avenida e o esvaziamento das ruas – Provavelmente em função do regime autoritário em vigor, se vê nesse período um murchamento da festa de rua no Rio de Janeiro, mas esse processo foi lento e gradual. As escolas de samba deixam definitivamente as ruas para terem uma avenida estruturada com arquibancadas e decoração para a realização de seus concursos. Essa megaestrutura montada reduz o espaço no centro para a brincadeira espontânea, mas essa segue firme no entorno da avenida e por todas as áreas do centro. Ainda se via os desfiles de grandes sociedades, ranchos e frevos, todos estes em franco processo de retração, dos blocos de enredos, muito vigorosos, mas com uma visível intenção de “elevação” a escola de samba, e blocos de embalos, ainda muito populares.

No decorrer da década de setenta, as ruas foram se esvaziando gradualmente. A classe média, a exemplo da elite, também migrou para os bailes de carnavais, agora presentes em praticamente todos os clubes da cidade. O carnaval de rua passou a existir apenas em pequenas ilhas, sendo a principal a Avenida Rio Branco. Mais para o final do período, vê-se um *boom* das escolas de samba, culminando na inauguração do sambódromo da Marques de Sapucaí em 1984, uma desvirtuação da festa nos salões, tomados por um excesso de sexualização, mesmo nos clubes do subúrbio, e um processo de esvaziamento da cidade no período de carnaval. No final deste período surgem os blocos de carnaval que caracterizaram a retomada do carnaval de rua.

Da redemocratização à eleição de Lula – O ressurgimento – Quando vivíamos os primeiros ares da redemocratização, com a anistia e formação dos partidos, foram criados os primeiros blocos que começaram a retomar as ruas do Rio para o carnaval. Infelizmente (isso é apenas uma opinião), em vez de um formato mais livre como era a tradição do carnaval de rua do Rio, estes blocos iniciaram se colocando uma série de regras, como música única em formato de samba-enredo, bateria de escola de samba e padronização do figurino por meio de camisas. A explicação para isso talvez seja o fato de naquele momento as escolas de sambas estivessem no auge de sua popularidade. As ruas começaram lentamente a serem repovoadas e com isso os salões, que já viviam um período de decadência, se esvaziavam de vez. Lentamente também o carioca começa a sair menos da cidade e os turistas começam a retornar. No final da década de 90 começam a surgir blocos com uma proposta mais tradicional, com a retomada das marchinhas e das fantasias livres, mas, em função da busca por desfiles mais restritos, atrasou um pouco a retomada da rua com as tradições do passado. Na Sapucaí, é tempo das superescolas s/a. Grandes sociedades e ranchos desaparecem, Frevos, blocos de embalo e blocos de enredo encolem. São criados os primeiros blocos com objetivo de ser um negócio.

Da eleição do Lula ao impeachment de Dilma – A retomada das ruas – Nesse período aumenta a popularidade do carnaval de rua. Os blocos criados no ressurgimento começam a sofrer com o gigantismo, os criados uma década depois com características mais tradicionais, tentam evitar este problema não divulgando, ou até mesmo despistando, seus desfiles. Num desses despistes, um grupo de foliões “deixados no vácuo” cria o Cordão do Boi Tolo, que levará

ao extremo o resgate do carnaval livre, ao existir sem a criação de nenhuma estrutura ou hierarquia.

A partir de 2009, a prefeitura começa a enxergar a cidade como uma mercadoria, onde nada que não pudesse ser embalado e vendido tinha valor. Foi com esses olhos que lança o primeiro decreto do carnaval de rua do Rio, onde obrigava blocos a nascerem no papel antes de nascerem na rua e cumprirem exigências absurdas considerado o caráter popular da festa. Ao mesmo tempo, através de um edital privatiza as ruas do Rio passando a um ente privado toda a responsabilidade pela estrutura do carnaval de rua. Passamos a ver a cidade ser empastelada com propaganda de uma marca de cerveja e tímidas contrapartidas para a cidade.

Vimos aí três tipos de reações distintas dos blocos. Os megablocos s/a aderiram no primeiro momento, pois viram possibilidades de negócios que adviriam de um modelo no Rio similar ao de Salvador. Os blocos do ressurgimento, com formatos de escola de samba ou tradicionais, reclamaram do excesso de burocracia, mais se enquadraram. Os blocos do carnaval livre denunciaram a inconstitucionalidade do decreto e não respeitaram. Cada grupamento desses tem uma ou mais ligas o representando, sendo no caso do carnaval livre a Desliga dos Blocos, que é um movimento em defesa da folia tradicional e espontânea. A Desliga convocou a Bloqueata em 2009 e desde o carnaval de 2011 promove a Abertura do Carnaval Não Oficial.

O carnaval de rua do Rio traz milhares de turistas e leva milhões de pessoas às ruas.

Do impeachment da Dilma até hoje – O ataque à festa popular – No período anterior de intensa disputa, se por um lado ainda não foi desburocratizado a folia de rua, por outro lado evitamos a bahianização (trio, abadá e corda) do carnaval. Com a mudança de administração, deixou-se de ter um olhar no carnaval como negócio e passou-se a ter uma oposição oficial a existência da festa. Isso tanto no carnaval de rua como nos desfiles das escolas de samba na Marquês de Sapucaí. Essa agenda nada popular não é falada, mas levada com atos que procuram inviabilizar o carnaval. No contexto, vemos praticamente todos os entes carnavalescos buscando um enfrentamento com a prefeitura. Esta cria um discurso hipócrita de que a verba investida no carnaval poderia estar sendo investida em creches, ignorando o retorno milionário que cidade tem neste

período. Enquanto algumas ligas ainda lutam por subsídios, a Desliga luta pela legitimidade da existência do carnaval de rua em sua forma mais tradicional e espontânea”.

Quais são os principais desafios para perdurar tantos anos em quanto bloco de carnaval?

Luis Otavio Almeida: Nós do Cordão do Boi Tolo temos como principal desafio viabilizar que a festa ocorra de uma forma fluida e espontânea. Os espaços para o carnaval de rua do Rio estão sendo diminuídos. Com o advento do VLT perdemos A Av. Rio Branco que era o local mais tradicional de carnaval da cidade. Para caber tanta gente, temos dividido o Cordão em diversas frentes, todas independentes, que se unem e se separam de acordo com o espaço existente. Isso tudo sem ter propriedades, sem pagar nada e sem receber nada. A tendência do Boi Tolo é ocupar todo o Centro com cordões errantes assim como era o carnaval de rua em meados do século XX.

Quais são as principais oportunidades de desenvolvimento da festa de rua no Rio de Janeiro?

Luis Otavio Almeida: Os blocos, notadamente comerciais, que não desfilam, mas fazem shows em palco, deveriam em boa parte serem tirados do Centro, que deveria ser um espaço para os blocos livres.

A prefeitura em vez de gastar uma fortuna com banheiros químicos, devia investir em banheiros públicos de qualidade que atenderiam não só os foliões no carnaval, como a população o ano todo.

Não deveria haver obrigatoriedade de venda de apenas uma marca de cerveja e os ambulantes, muito parceiros da festa, deveriam ter suas licenças facilitadas. Ao invés de intervir na festa, a prefeitura devia procurar entendê-la e fornecer a estrutura de segurança e limpeza necessária.

Em que medida a reinvenção cotidiana da festa por seus foliões contribui para a sustentabilidade desta manifestação cultural?

Luis Otavio Almeida: A cultura é viva e assim sendo ela está em constante evolução. Eu penso que o mais importante para a sustentabilidade da nossa cultura é a liberdade. Não há nada mais legítimo do que o povo exercendo a sua

cultura em praça pública. Nada deveria ser obstáculo para isso. Interesses comerciais, políticos e burocráticos ferem de morte a cultura. Não foi coincidência a festa retrair no período de repressão e ressurgir forte com a redemocratização. Liberdade para o carnaval e para o Brasil.

BLOCO MINI SERES DO MAR

Como você percebe as mudanças da festa de rua no Rio de Janeiro?

Gisela Cardoso: Na nossa percepção, o Carnaval de rua do Rio de Janeiro é uma festa em transformação constante. Essas mudanças dizem respeito a uma série de acontecimentos sociais, políticos, estéticos. A retomada do carnaval de rua na cidade se deu no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, num contexto em que as pessoas passaram a ficar na cidade por razões financeiras e também por se tratar de uma época de redescoberta da Lapa, do Samba e de reconexão das novas gerações com ritmos e expressões da cultura brasileira, como o Maracatu, o Coco, o Forró. (Entre a década de 1980 e 1990, o que prevalecia era a cultura da música pop globalizada). Nesse contexto, começam a surgir oficinas de música, novos blocos e um novo olhar sobre o Carnaval de rua. Um segundo passo importante, já no meio dos anos 2000, foi o surgimento da Orquestra Voadora, entre outros blocos, que encorajaram os músicos amadores a participar da festa tocando instrumentos antes restritos a músicos de bandas marciais, como trompete, trombone e sax ou a baterias de escolas de samba. Desse movimento nasce a explosão das fanfarras que se espalham pela cidade no carnaval e ao longo do ano. Com relação aos blocos infantis, especificamente, eles surgiram de uma mudança clássica: essa geração passou ter filhos e esses blocos cumprem o papel de integrá-los ao Carnaval e oferecer aos pais uma opção de folia em família.

Quais são os principais desafios para perdurar tantos anos em quanto bloco de carnaval?

Gisela Cardoso: Entre os desafios externos, está o fato de que quanto mais um bloco se afirma, mais ele terá que lidar com as exigências de um poder público que nem sempre tem afinidade com o Carnaval de rua e é capaz de dimensionar sua importância social. Autorizações, medidas de segurança, tudo isso passa a

se fazer necessário e nesse processo, surge também a necessidade dos blocos se organizarem em associações. Do ponto de vista interno, um desafio é o gerenciamento das aspirações e desejos de cada integrante de um grupo muito heterogêneo, tanto tecnicamente quanto em termos de visão de mundo. No caso dos Mini Seres do mar, contamos com músicos de excelência e iniciantes e o repertório e a dinâmica dos ensaios têm que considerar essas diferenças. Com o surgimento de convites para festas e eventos particulares, também surge o desafio da profissionalização do bloco.

Quais são as principais oportunidades de desenvolvimento da festa de rua no Rio de Janeiro?

Gisela Cardoso: Na nossa visão, a festa de rua do Rio tem uma dinâmica muito singular em que podemos até apontar uma ou outra causa ou explicação racional para o surgimento de alguma manifestação, mas, no geral, há também um grande componente de acaso e de laços que vão sendo criados tacitamente. Há blocos que caem nas graças do público por motivos muito diferentes e mais das vezes inexplicáveis. Alguns duram apenas um carnaval, mas se tornam inesquecíveis, outros vão se firmando como um patrimônio cultural da cidade, como é o caso do Cordão do Boitató. No caso dos Mini Seres do Mar, nascemos espontaneamente em 2016, porque algumas semanas antes do Carnaval daquele ano, havíamos reunido amigos músicos para tocar na festa de aniversário de um ano de nosso filho. Em nossa primeira saída, fomos seguidos por alguns poucos amigos e foliões e ocupamos apenas metade de uma rua em Laranjeiras. Já no ano seguinte, a mudança era perceptível e hoje já estamos integrados ao calendário de blocos do Rio e tendo que lidar com as dores e delícias desse crescimento.

Em que medida a reinvenção cotidiana da festa por seus foliões contribui para a sustentabilidade desta manifestação cultural?

Gisela Cardoso: Para nós é justamente essa reinvenção da festa pelos foliões o que garante essa sustentabilidade. Ao longo desses últimos 20 anos, é visível o fato de que são os foliões que, espontaneamente, procuram saídas criativas para uma homogeneização da festa que parece ser o foco dos grandes patrocinadores e do poder público (isso quando este último não se coloca

assumidamente contra o Carnaval). Os músicos e foliões procuram se reinventar para oferecer alternativas aos blocos muito saturados, surgem a cada dia propostas de repertório inusitadas que atendem a públicos diversos (blocos que misturam rock e marchinha, blocos que fazem homenagem a nomes da MPB, blocos que mudam de nome a cada ano). Também parte espontaneamente dos foliões a proposta de repensar o caráter da festa e seus aspectos problemáticos. Um exemplo evidente é como se desenhou, nos últimos anos, uma resistência ao machismo no Carnaval.